

Literatura, inovação e inclusão: tecnologias digitais como mediação pedagógica

Literature, innovation, and inclusion: digital technologies as pedagogical mediation

Datyane Freitas de Alencar ¹

Universidade Federal de Roraima – UFRR
Boa Vista, RR, 69339-999, Brasil

Moema de Souza Esmeraldo ²

Universidade Federal de Roraima – UFRR
Boa Vista, RR, 69339-999, Brasil

Jhayssa Kamylylly Silva Soares ³

Universidade Federal de Roraima – UFRR
Boa Vista, RR, 69339-999, Brasil

Resumo: Este artigo pretende analisar as transformações do ensino de Literatura mediadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Discute-se a necessidade de inovação pedagógica e como recursos como inteligência artificial (IA) e realidade aumentada podem enriquecer ou fragmentar a experiência literária. Parte-se do pressuposto de que essas tecnologias criam novas práticas de leitura (Chartier, 2011) e modificam os modos de produção textual (Bellei, 2010). A digitalização dos saberes literários vai além da transposição para suportes digitais, exigindo reflexão crítica sobre formas de circulação e interpretação do conhecimento. A integração de ferramentas digitais amplia a inteligência coletiva e favorece metodologias flexíveis e inclusivas (Lévy, 2010). A partir da revisão e da análise das práticas, os resultados indicam que a digitalização amplia o acesso a obras, favorece práticas colaborativas de leitura e permite trajetórias de aprendizagem mais personalizadas, embora ressalte riscos como vieses algorítmicos, fragmentação da atenção e desigualdades de acesso.

Palavras-chave: Cíbercultura; tecnologias digitais; ensino de literatura.

¹ Graduanda em Educação do Campo, habilitação Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), com interesse na área de educação e tecnologias. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9323-620X>. E-mail: datyanedealencar@gmail.com.

² Professora de magistério superior atuando no curso de Licenciatura em Educação do Campo, nos Programas de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFRR) e Programa de Pós-graduação em Educação Inclusiva (Profei/UFRR). Também atua como tutora PET Educação do Campo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5626-1267>. E-mail: moema.esmeraldo@ufr.br.

³ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFRR, com interesse em estudos interdisciplinares que relacionam espaço, cultura e educação. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4708-9890>. E-mail: kamylyy680@gmail.com.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

Abstract: This article aims to analyze the transformations of Literature teaching mediated by Information and Communication Technologies (ICTs). It discusses the need for pedagogical innovation and how resources such as artificial intelligence (AI) and augmented reality can enrich or fragment the literary experience. It assumes that these technologies create new reading practices (Chartier, 2011) and have altered modes of textual production (Bellei, 2010). The digitalization of literary knowledge goes beyond transferring texts to digital media, requiring critical reflection on new forms of circulation and interpretation. The integration of digital tools expands collective intelligence and supports flexible, inclusive methodologies (Lévy, 2010). Based on review and practice analysis, the findings indicate that digitalization expands access to works, fosters collaborative reading practices and enables more personalized learning trajectories, while highlighting risks such as algorithmic bias, attention fragmentation and unequal access.

Keywords: Cyberculture; digital technologies; literature teaching.

1 . Introdução

“O engenheiro de mundos não assina uma obra acabada, mas um ambiente. Por essência inacabado, cabendo aos exploradores construir não apenas o sentido variável, múltiplo, inesperado, mas também a ordem de leitura as formas sensíveis. Além disso, a metamorfose contínua das obras adjacentes e do meio virtual que sustenta e penetra a obra contribui para destituir um eventual autor de suas prerrogativas de fiador do sentido. (...)

Do signo à coisa, depois da coisa ao signo, da imagem ao caractere, depois do caractere à imagem, da leitura à escrita, depois da escrita à leitura. Imagem de um livro (é, portanto, duplamente signo) entre as páginas do qual encontram-se coisas... que não são nada mais do que signos, mas signos ativos, vivos, que nos respondem. Não a ilusão de realidade, como o virtual é muitas vezes descrito, já que temos sempre consciência de tratar-se de um jogo, de um artifício,



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

*mas uma verdade lúdica ou emocional de uma ilusão
experimentada como tal”.*

(Pierre Levy)

As epígrafes contribuem para a reflexão sobre a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ensino tem modificado substancialmente como o conhecimento é produzido, disseminado e apropriado. No campo da Literatura, essas transformações se intensificam à medida que práticas tradicionais de leitura e escrita são confrontadas com novas linguagens, suportes e modos de interação característicos da cultura digital. O problema que se coloca é: como promover práticas pedagógicas em Literatura que articulem inovação tecnológica, inclusão e formação crítica dos estudantes, sem comprometer o rigor acadêmico?

Este artigo pretende analisar de que maneira as TICs — com ênfase em ambientes digitais colaborativos e ferramentas de inteligência artificial — podem contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais dinâmicas, inclusivas e alinhadas às exigências do século XXI. Parte-se do pressuposto de que essas tecnologias, se utilizadas criticamente, não apenas ampliam o acesso aos saberes literários, mas também promovem a personalização da aprendizagem e o fortalecimento da inteligência coletiva, conforme conceituado por Lévy (1999).

A leitura literária é historicamente condicionada pelos suportes materiais em que se inscreve. Como lembra Chartier (2010), as mudanças nos meios de comunicação impactam diretamente o modo como o texto é estruturado e, conseqüentemente, como é lido, interpretado e compartilhado. Hoje, vivemos uma realidade em que a leitura deixa de ser exclusivamente linear, silenciosa e solitária, passando a ser fragmentada, interativa e social. Essa mutação exige que a escola e os educadores repensem suas estratégias de ensino, considerando as múltiplas formas de leitura que coexistem no cotidiano dos estudantes.

Paralelamente, a pandemia da Covid-19 aprofundou as desigualdades educacionais e evidenciou a urgência de se pensar o letramento digital como direito fundamental. Em um país marcado por desigualdades estruturais, como o Brasil, falar de tecnologia na educação exige reconhecer que o acesso aos dispositivos, à internet e à formação docente não é equitativo. Nesse



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

sentido, pensar as TICs no ensino de Literatura não pode ser um exercício apenas técnico, mas também político, social e pedagógico.

A abordagem adotada neste artigo é qualitativa, de caráter exploratório, com base em revisão teórica e análise de práticas pedagógicas inovadoras em ambientes digitais. Fundamentado em autores como Pierre Lévy (1999), Roger Chartier (2010), Henry Jenkins (2006), Kissinger, Schmidt e Huttenlocher (2021), entre outros, o texto propõe-se a discutir os desafios e potencialidades da cultura digital no ensino de Literatura, com foco na mediação docente, na curadoria crítica e na inclusão educacional.

Ao longo do artigo, discutem-se os impactos da digitalização na experiência estética da leitura, as transformações no papel do leitor e do professor, e as possibilidades de uso da inteligência artificial e de metodologias inovadoras — como a gamificação, os textos multimodais e os ambientes colaborativos — como formas de enriquecer o ensino literário. A proposta é refletir sobre como unir tradição e inovação, garantindo que as tecnologias estejam a serviço da democratização da leitura e da formação de sujeitos críticos e criativos.

2. Metodologia

A pesquisa apresentada neste artigo possui caráter qualitativo e natureza exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica e análise teórico-crítica. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de compreender como a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) impacta o ensino de Literatura, tanto no plano das práticas pedagógicas quanto no das transformações culturais mais amplas.

O estudo foi desenvolvido a partir da leitura e interpretação de autores que problematizam as relações entre tecnologia, leitura e educação, como Pierre Lévy (1999), Roger Chartier (2010), Henry Jenkins (2006), Bellei (2010) e Kissinger, Schmidt e Huttenlocher (2021). A análise concentrou-se em identificar como esses referenciais teóricos apontam para a emergência de novas formas de produção, circulação e interpretação do texto literário, em diálogo com metodologias pedagógicas inovadoras, tais como a gamificação, o uso de ambientes digitais colaborativos e o emprego de sistemas de inteligência artificial.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

A investigação não envolveu sujeitos de pesquisa em campo, mas buscou analisar práticas e referenciais já consolidados em publicações acadêmicas e relatórios institucionais. Dessa forma, os aspectos éticos estão resguardados, uma vez que o trabalho se limita ao campo teórico e documental.

As reflexões apresentadas estão ancoradas na compreensão de que as tecnologias digitais alteram a materialidade da leitura, exigindo novas posturas tanto do leitor quanto do mediador pedagógico. Como afirma Chartier (2010, p. 13):

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro manuscrito ou impresso. [...] O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal.

Assim, a metodologia adotada buscou integrar análise teórica e crítica reflexiva, a fim de construir um olhar abrangente sobre as potencialidades e os desafios da cultura digital no ensino literário.

3. Resultados e discussões

A cultura digital transformou profundamente os modos de produção, circulação e recepção da literatura. A digitalização dos saberes rompe com a lógica linear e autoral tradicional, criando novas dinâmicas de leitura e escrita, nas quais a interatividade, a fragmentação e a hipertextualidade ganham centralidade. Conforme observa Chartier (2010), a leitura em ambientes digitais é marcada pela descontinuidade e pela segmentação, o que exige dos leitores habilidades específicas para lidar com múltiplas camadas de informação.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ampliam o acesso ao conhecimento literário ao permitir que textos circulem por múltiplas plataformas e sejam apropriados de forma colaborativa. Esse fenômeno exige que os educadores repensem seus métodos, priorizando práticas pedagógicas que favoreçam a personalização da aprendizagem e a construção compartilhada de sentidos. A leitura literária, nesse contexto, torna-se uma experiência dinâmica, na qual o leitor deixa de ser apenas um receptor passivo para assumir o papel de cocriador do texto.

A transição do impresso para o digital não alterou apenas os suportes de leitura, mas provocou uma profunda reconfiguração nas formas de apropriação do conhecimento literário. No modelo tradicional, predominava uma concepção verticalizada da leitura, na qual o texto era



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

interpretado a partir de um saber autorizado — o do professor, do crítico ou das instituições legitimadoras. Contudo, com o advento das tecnologias digitais, essa lógica vem sendo tensionada por práticas mais horizontais e colaborativas. Plataformas como blogs literários, fóruns de discussão, clubes de leitura online e redes sociais especializadas (como o Skoob ou o Goodreads) permitiram que leitores comuns se tornassem resenhistas, intérpretes e mediadores culturais, exercendo um papel de curadoria e crítica antes reservado a especialistas.

Esse novo arranjo é interpretado por Chartier (2010) como um deslocamento do centro da autoridade crítica, que passa a habitar os próprios leitores:

O papel do crítico é ao mesmo tempo reduzido e ampliado. Ampliado na medida em que todo mundo pode tornar-se crítico. [...] Por que todo leitor não poderia ser considerado capaz de criticar as obras, fora das instituições oficiais, das academias, dos sábios? (Chartier, 2010, p. 17).

Essa proposição subverte as hierarquias tradicionais do campo literário ao valorizar a capacidade interpretativa do sujeito-leitor, independente de sua formação formal ou do pertencimento a espaços legitimados pela academia. Em ambiente digital, a leitura não é apenas um ato solitário, mas uma prática social de construção de sentidos que envolve diálogo, afeto e disputas de significação.

No contexto escolar, essa transformação tem impactos profundos nas metodologias de ensino da Literatura. Ao reconhecer o aluno como um sujeito capaz de interpretar, criticar e ressignificar textos literários — inclusive digitalmente — o professor rompe com práticas transmissivas e autoritárias. Em vez de apresentar a “interpretação correta” de uma obra, o educador passa a mediar múltiplas leituras possíveis, promovendo debates, criações coletivas, análises comparadas e relações com outros gêneros e mídias.

Essa abordagem não só amplia a autonomia intelectual dos estudantes, como também estimula o pensamento crítico e o engajamento estético. Práticas como resenhas digitais, podcasts de análise literária, fanfics e memes literários podem se tornar ferramentas pedagógicas valiosas quando integradas com intencionalidade. Elas permitem ao aluno transitar entre o papel de leitor e autor, entre o consumo e a produção cultural — elementos centrais para uma educação literária contemporânea, inclusiva e alinhada à cultura digital.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

Essa mudança está associada à virtualização do conhecimento, que, segundo Lévy (1999), representa mais do que uma transposição de conteúdo para suportes digitais — trata-se de uma reorganização dos modos de pensar, aprender e interagir com os saberes. A literatura digitalizada não apenas adapta textos ao meio eletrônico, mas ressignifica as relações entre autor, texto e leitor, criando ecossistemas de leitura mais abertos, flexíveis e participativos.

Essa reconfiguração promovida pela virtualização é sintetizada por Lévy (1999, p. 31), ao refletir sobre como o computador se tornou uma ferramenta cotidiana de criação e expressão:

Desde então, o computador iria escapar progressivamente dos serviços de processamento de dados das grandes empresas e dos programadores profissionais para tornar-se um instrumento de criação (de textos, de imagens, de músicas), de organização (bancos de dados, planilhas), de simulação (planilhas, ferramentas de apoio à decisão, programas para pesquisa) e de diversão (jogos) nas mãos de uma proporção crescente da população dos países desenvolvidos. (Lévy, 1999, p.31)

Essa visão destaca que a virtualização não é apenas técnica, mas cultural e pedagógica — altera profundamente a maneira como os sujeitos se relacionam com o conhecimento, incluindo o literário.

Plataformas digitais como Wattpad e Medium exemplificam esse novo cenário, ao possibilitarem a publicação direta por autores independentes e o diálogo imediato com os leitores. Essa descentralização desafia as noções tradicionais de autoria e valor literário, ao mesmo tempo, em que promove a diversidade de vozes e gêneros. No entanto, ela também impõe desafios, como o excesso de informações e a necessidade de curadoria crítica dos conteúdos disponíveis.

A leitura, como prática cultural, sempre foi atravessada pelas transformações dos suportes e das tecnologias de registro. Do papiro ao pergaminho, do códice ao livro impresso, cada suporte material gerou modos específicos de organizar, acessar e interagir com o texto. Com a digitalização, esse processo se acelera e adquire novos contornos, pois o texto deixa de ser fixo e passa a operar em ambientes instáveis, hipertextuais e multissemióticos. O texto eletrônico rompe com a linearidade da leitura impressa e permite interações como marcações colaborativas, comentários em tempo real, links internos e externos, vídeos integrados e áudios incorporados — tudo isso criando um novo regime de leitura e percepção.

Chartier (2010) analisa essa mudança com sensibilidade ao afirmar:



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro manuscrito ou impresso. [...] O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal. (Chartier, 2010, p. 13)

A leitura digital, portanto, modifica não apenas a aparência do texto, mas o próprio ato de ler. A tela impõe uma nova coreografia entre olhos, mãos e atenção, exigindo do leitor habilidades distintas daquelas mobilizadas no papel. Trata-se de uma leitura mais fragmentada, permeada por múltiplas distrações e caminhos possíveis. O gesto de virar a página é substituído pelo deslizar do dedo ou pelo clique, e os sentidos são simultaneamente solicitados por sons, imagens e movimento.

No ensino de Literatura, essa mudança impõe desafios, mas também abre oportunidades. Desafios porque o excesso de estímulos pode dificultar a imersão profunda em textos mais complexos; mas oportunidades porque a multimodalidade permite novas formas de apreensão do texto literário, sobretudo para estudantes com estilos de aprendizagem diversos ou necessidades específicas. Obras adaptadas em áudio, livros interativos, literatura digital em forma de jogos narrativos ou webséries são exemplos de como os textos literários podem se integrar à experiência sensível e cognitiva dos alunos.

Além disso, a distância corporal mencionada por Chartier não precisa ser entendida como uma perda, mas como uma reconfiguração da presença do leitor no texto. Ao interagir com conteúdos multimodais, o aluno passa a habitar o texto de outras formas, conectando-o com suas referências digitais e sua vivência cotidiana. Cabe ao professor construir pontes entre esses novos modos de leitura e a formação de repertório estético e crítico, criando propostas pedagógicas que explorem tanto a profundidade analítica quanto a vivência sensível e criativa da literatura.

Nesse novo contexto, o ensino de Literatura precisa incorporar estratégias pedagógicas que dialoguem com a cultura digital, promovendo a reflexão crítica sobre os textos e sobre os meios pelos quais eles são produzidos, compartilhados e interpretados. A literatura digital não substitui a literatura impressa, mas amplia seus horizontes, permitindo experiências de leitura mais interativas, multimodais e inclusivas.

No contexto da cultura digital, o conhecimento deixa de ser uma construção centrada em indivíduos isolados e passa a ser elaborado de maneira colaborativa em redes. Esse fenômeno é descrito por Pierre Lévy (1999) como “inteligência coletiva”: a capacidade de um grupo de construir



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

saberes de forma descentralizada, por meio da interação contínua entre seus membros. No ensino de Literatura, esse conceito ganha relevância ao propor uma reconfiguração da sala de aula como espaço interativo, em que professores, estudantes e tecnologias digitais atuam como coautores da aprendizagem.

O próprio Lévy (1999, p. 131) reconhece que a inteligência coletiva levanta questões mais complexas do que soluções imediatas, como ilustra na seguinte provocação:

A inteligência coletiva constitui mais um campo de problemas do que uma solução. Todos reconhecem que o melhor uso que podemos fazer do ciberespaço é colocar em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais daqueles que estão conectados a ele. Mas em que perspectiva? De acordo com qual modelo? (Lévy, 1999, p.131).

Diante disso, o autor evidencia que a colaboração mediada por tecnologias exige intencionalidade pedagógica e reflexão crítica sobre os rumos da aprendizagem em rede. A mediação das TICs permite que leitores compartilhem interpretações, acrescentem significados e ampliem o repertório cultural a partir de perspectivas diversas. Ferramentas como fóruns de discussão, plataformas colaborativas e anotações digitais estimulam a participação ativa dos estudantes, que deixam de ser receptores passivos para se tornarem protagonistas do processo interpretativo. A leitura literária, nesse ambiente, adquire uma dimensão coletiva e dialógica, abrindo espaço para abordagens interdisciplinares, críticas e inclusivas.

Projetos educacionais como o “Wikipédia na Universidade” exemplificam essa lógica ao incentivar estudantes a contribuírem com verbetes literários, revisando e ampliando conteúdos sobre autores e obras. Essa prática não apenas desenvolve competências de pesquisa, escrita e argumentação, como também promove uma compreensão mais crítica e plural da literatura. Além disso, iniciativas como essa desafiam o cânone tradicional ao incluir vozes e obras historicamente marginalizadas, ampliando o repertório literário disponível no espaço acadêmico e escolar.

Entretanto, para que a inteligência coletiva atinja seu potencial pedagógico, é essencial que haja uma orientação crítica no uso das ferramentas digitais. O papel do professor torna-se central na mediação desse processo, guiando os alunos na construção de sentidos, na avaliação das fontes e na articulação entre diferentes leituras. Mais do que dominar as tecnologias, é preciso integrá-las com intencionalidade e sensibilidade pedagógica, criando ambientes de aprendizagem baseados na



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

colaboração, na empatia e na diversidade de perspectivas. Assim, a inteligência coletiva, quando integrada ao ensino de Literatura, transforma a experiência de leitura em um processo social, interativo e crítico — em sintonia com os desafios e as possibilidades da educação contemporânea.

Nesse mesmo horizonte, as tecnologias digitais também se revelam aliadas potentes da inclusão. Ferramentas como leitores de tela, audiolivros e plataformas com acessibilidade ampliada possibilitam que estudantes com deficiência visual, por exemplo, tenham acesso à literatura em formatos antes indisponíveis. Iniciativas como o LibriVox, que oferece versões em áudio de obras em domínio público, contribuem significativamente para democratizar o acesso à leitura literária.

No entanto, a inclusão digital não depende apenas das ferramentas disponíveis, mas de políticas públicas e estratégias pedagógicas que assegurem infraestrutura tecnológica nas escolas, especialmente em regiões periféricas e rurais. A ausência de conexão estável ou de dispositivos adequados pode inviabilizar o uso de ambientes colaborativos, ou bibliotecas digitais, aprofundando desigualdades já existentes.

Cabe ao educador na contemporaneidade, portanto, atuar não apenas como mediador de sentidos, mas também como articulador de condições reais de acesso ao conhecimento mensurando o que de fato é relevante para o educando. Isso, para todos os educandos, uma vez que incluir significa garantir que todos possam participar da construção coletiva de saberes, considerando suas especificidades, contextos e formas de aprender.

A inteligência artificial (IA) tem desempenhado um papel crescente na personalização do ensino e na mediação da aprendizagem, inclusive no campo da Literatura. A partir de algoritmos que analisam padrões de leitura e comportamento dos usuários, plataformas digitais conseguem sugerir conteúdos, adaptar níveis de dificuldade e oferecer feedback em tempo real. Esse processo amplia as possibilidades de acesso, engajamento e aprofundamento dos estudantes, promovendo um ambiente de aprendizagem mais responsivo e adaptado às necessidades individuais.

Segundo Kissinger, Schmidt e Hottenlocher (2021), sistemas baseados em IA tornam a educação mais dinâmica ao permitir a criação de trajetórias personalizadas. Em plataformas como o Goodreads, por exemplo, os usuários recebem sugestões de leitura com base em seus históricos e preferências, o que pode incentivar a formação de repertórios literários personalizados. No entanto, esse modelo também impõe desafios: os algoritmos tendem a reforçar conteúdos populares,



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

reproduzindo vieses e limitando o contato com obras menos conhecidas ou alternativas ao cânone dominante (Zhao et al., 2019).

No ensino de Literatura, o uso da IA deve ser acompanhado de uma curadoria pedagógica cuidadosa. Mais do que recomendar textos, é fundamental que essas ferramentas sejam usadas para fomentar a reflexão crítica, estimular múltiplas leituras e promover a diversidade cultural. Experiências como o uso de fóruns virtuais para debater obras literárias mostram que a combinação entre IA e interação humana pode enriquecer significativamente o processo de aprendizagem, desde que orientada por objetivos educacionais bem definidos.

Um exemplo relevante é a experiência conduzida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em que alunos debateram a obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa por meio de um fórum online. A interação entre os estudantes gerou interpretações coletivas e multifacetadas da obra, enriquecidas pela troca de vivências e olhares diversos. Nessa dinâmica, a tecnologia não substitui o educador, mas atua como facilitadora de um ambiente de construção conjunta do conhecimento.

Para que a IA seja, de fato, uma aliada do ensino literário, é necessário integrá-la a propostas pedagógicas críticas, que valorizem tanto a personalização quanto o contato com a complexidade da produção literária. O papel do professor, nesse processo, continua sendo essencial: cabe a ele garantir que o uso das tecnologias sirva à formação de leitores autônomos, criativos e capazes de transitar por diferentes repertórios e perspectivas.

Para que a IA seja, de fato, uma aliada do ensino literário, é necessário integrá-la a propostas pedagógicas críticas, que valorizem tanto a personalização quanto o contato com a complexidade da produção literária. O papel do professor, nesse processo, continua sendo essencial: cabe a ele garantir que o uso das tecnologias sirva à formação de leitores autônomos, criativos e capazes de transitar por diferentes repertórios e perspectivas.

Nesse contexto, a curadoria digital surge como um dos principais desafios pedagógicos da contemporaneidade. A ampla disponibilidade de conteúdo online, com diferentes níveis de qualidade e confiabilidade, exige que educadores e estudantes desenvolvam habilidades para selecionar materiais relevantes, acessíveis e diversificados. Além de cuidado na verificação das fontes de informação e com os conteúdos que não sejam inadequados ou propaguem informações



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

errôneas, o que é fundamental na era moderna. A mediação docente passa, portanto, pela capacidade de orientar os alunos na navegação por ambientes digitais saturados de informação, sem perder de vista os critérios acadêmicos e os objetivos educacionais.

Plataformas como o Google Acadêmico e o JSTOR oferecem bases de dados robustas, mas requerem formação para uso crítico e estratégico. Além disso, é fundamental considerar a representatividade nas escolhas de obras e autores, incluindo produções literárias de grupos historicamente marginalizados. A curadoria, nesse sentido, torna-se um ato político e pedagógico.

Experiências como o Projeto Gutenberg — que disponibiliza gratuitamente clássicos em domínio público — também ampliam o repertório acessível em sala de aula, permitindo a construção de comunidades de prática em que alunos e professores interagem para selecionar, traduzir e comentar textos. A curadoria digital, portanto, não se restringe à escolha de conteúdos, mas envolve a criação de percursos de leitura que dialoguem com os interesses e as vivências dos estudantes.

4. Considerações finais

A incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ao ensino de Literatura representa um movimento irreversível, mas que exige reflexão crítica e intencionalidade pedagógica. Ao longo deste artigo, discutiu-se como a cultura digital tem transformado a leitura literária em uma prática mais interativa, fragmentada e colaborativa, exigindo novos posicionamentos tanto dos educadores quanto dos estudantes.

A inteligência coletiva, favorecida por ambientes digitais colaborativos, e a inteligência artificial, com suas possibilidades de personalização da aprendizagem, despontam como ferramentas relevantes para dinamizar o ensino literário. No entanto, essas tecnologias não são soluções automáticas: sua eficácia depende do compromisso com a inclusão, com a diversidade de vozes e com o desenvolvimento de competências críticas.

Entre os principais desafios identificados estão a necessidade de curadoria qualificada frente à grande quantidade de conteúdos disponíveis online e a persistente desigualdade no acesso às tecnologias, especialmente em contextos escolares periféricos ou rurais. Para que o uso das TICs



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

seja, de fato, emancipador, é fundamental garantir infraestrutura adequada, formação docente continuada e políticas públicas comprometidas com a equidade.

O papel do professor, nesse cenário, não é substituído pelas tecnologias, mas ressignificado. Cabe ao educador atuar como mediador, facilitador e curador de experiências de leitura que articulem tradição e inovação, senso estético e criticidade, oralidade e digitalidade.

Nesse sentido, metodologias pedagógicas inovadoras tornam-se essenciais para potencializar o uso das TICs em sala de aula. A gamificação, por exemplo, permite transformar atividades literárias em experiências lúdicas e engajadoras, por meio de quizzes, desafios e jogos de perguntas que incentivam a participação ativa dos alunos. Já as narrativas digitais, construídas em plataformas como Twine ou Storybird, estimulam a criatividade e a autoria, ao permitir que os estudantes criem suas próprias histórias com recursos visuais e interativos. A leitura digital interativa também se destaca como uma prática promissora, ao integrar textos com imagens, hiperlinks, vídeos e áudios que contextualizam e aprofundam a compreensão das obras literárias.

Como encaminhamento prático, propõe-se a criação de núcleos de formação docente voltados à cultura digital, que articulem teoria, prática e ética. É fundamental que os professores conheçam as ferramentas disponíveis, mas, sobretudo, que desenvolvam um olhar pedagógico sobre o uso das tecnologias. A integração das TICs ao ensino literário não deve estar limitada ao uso de plataformas, mas sim ao desenvolvimento de propostas que considerem o território, a identidade e as vivências dos estudantes.

Do ponto de vista das políticas públicas, é urgente garantir o acesso universal à internet, a disponibilização de dispositivos móveis e a valorização do trabalho docente como eixo central para uma educação crítica e inclusiva. A escola pública precisa ser fortalecida como espaço de resistência, criação e produção de saberes, em que a literatura continue a cumprir seu papel de formar sujeitos sensíveis, éticos e capazes de intervir no mundo.

Assim, conclui-se que o uso crítico e criativo das TICs no ensino literário contribui não apenas para ampliar o acesso à literatura, mas também para formar leitores mais autônomos, reflexivos e capazes de dialogar com as múltiplas linguagens que compõem a cultura contemporânea. A literatura, mediada pelas tecnologias, pode se tornar ponte entre mundos: entre o



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

impresso e o digital, entre o local e o global, entre o tradicional e o emergente — e, sobretudo, entre o humano e o coletivo.

O problema que norteou este estudo foi compreender de que maneira é possível promover práticas pedagógicas em Literatura que articulem inovação tecnológica, inclusão e formação crítica dos estudantes, sem comprometer o rigor acadêmico. Ao longo da análise, verificou-se que a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ao ensino literário possibilita repensar metodologias e ampliar o acesso ao conhecimento, desde que acompanhada de curadoria crítica e mediação docente intencional.

O objetivo de analisar como as TICs — em especial ambientes digitais colaborativos e ferramentas de inteligência artificial — podem contribuir para práticas pedagógicas mais dinâmicas e inclusivas foi, portanto, alcançado. Constatou-se que essas tecnologias ampliam a personalização da aprendizagem, favorecem a inteligência coletiva e criam novas formas de leitura e produção literária, em consonância com as demandas da cultura digital contemporânea.

As considerações finais também indicam que o uso de tecnologias, por si só, não garante inovação ou inclusão. É a maneira como são apropriadas pedagogicamente que define seu potencial emancipador. Assim, cabe ao professor assumir o papel de mediador e curador, articulando tradição e inovação, de modo a transformar a literatura em espaço de diálogo, criatividade e democratização do saber.

Em síntese, o estudo confirma que as TICs, quando utilizadas de forma crítica e criativa, contribuem para responder ao problema de pesquisa proposto: é possível inovar o ensino de Literatura sem perder a profundidade acadêmica, tornando-o mais inclusivo, interativo e conectado às exigências do século XXI.

Referências

BELLEI, C. A. **A reinvenção da escola pública:** inovação e regulação no sistema educacional. In: VIANNA, C.; REZENDE, L. (Orgs.). Educação e novas tecnologias. São Paulo: Cortez, 2010.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Educação Conectada**. 2023. Disponível em: <http://educacaoconectada.mec.gov.br>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2010.

DETERDING, S. et al. **From game design elements to gamefulness: defining gamification**. In: Proceedings of the 15th International Academic MindTrek Conference. 2011.

GÓMEZ, Á. P. **Educação na era digital: a escola educativa**. Porto Alegre: Penso, 2015.

HART, M. **The history and philosophy of Project Gutenberg**. 1992. Disponível em: <https://www.gutenberg.org>. Acesso em: 10 mar. 2025.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

JENKINS, H. **Textual poachers: television fans and participatory culture**. 2. ed. Nova York: Routledge, 2012.

KISSINGER, H.; SCHMIDT, E.; HUTTENLOCHER, D. **A era da inteligência artificial: e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MILGRAM, P.; KISHINO, F. **A taxonomy of mixed reality visual displays**. IEICE Transactions on Information and Systems, v. E77-D, n. 12, p. 1321-1329, 1994.

UNESCO. **ICT Competency Framework for Teachers**. Paris: UNESCO, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ZHAO, J. et al. **Algorithmic bias in educational recommender systems: a case study**. Journal of Educational Technology, v. 45, n. 3, p. 123-145, 2019.

Recebido em 02 de dezembro de 2025.

Aprovado em 10 de dezembro de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 31, n. 1, e268871, 2025. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN: 2448-0215.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2025.268871>